

O DESLOCAMENTO TEMPORAL DOS ARTISTAS PLÁSTICOS QUE TRABALHAM COM O FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS-AM: A MERCANTILIZAÇÃO DA MÃO DE OBRA ARTÍSTICA E SUAS REDES.

Iago Kllisman Guimarães Lopes¹
Tatiana da Rocha Barbosa²

RESUMO

O objetivo do trabalho é esclarecer as concepções que se estabelecem com a saída periódica dos artistas da cidade de Parintins AM, analisando, na perspectiva dialética as conformações que se formam a partir do deslocamento para o trabalho em outros lugares. Dialogando com as teorias, foi realizado a aplicação dos questionários e entrevistas com o objeto de estudo, assim como, identificação das trajetórias e mapeamento dos fluxos das redes e as relações socioculturais. Na perspectiva do deslocamento temporal dos artistas para o trabalho em outras festividades, observou-se que Parintins carece de trabalho para os mesmos, e com o término do período festivo do Boi-Bumbá, que tem a duração de seis meses em Parintins. Após esse período essa força de trabalho torna-se ociosa e os artistas encontram uma saída com a migração temporária. Assim, continuam trabalhando, tanto em outras regiões como também dentro do próprio Amazonas. Deste modo, a partir da saída periódica dos artistas se identificou a articulação e as relações de fluidez criadas pelas redes, em detrimento dos fatores econômicos, sociais e culturais que se estabelecem.

Palavras-chave: Deslocamento temporal, Cultura, Trabalho, Redes.

1 INTRODUÇÃO

Em Parintins acontece o festival folclórico dos Bois Bumbás. Esta manifestação que teve início oficialmente no dia 12 de junho de 1966, se caracteriza por ter duas agremiações folclóricas, o Boi-bumbá Caprichoso representado pela cor azul e o Boi-bumbá Garantido com a cor vermelha. Este espetáculo retrata a cultura indígena amazônica, bem como a inserção da imagem dos negros, nordestinos e caboclo-ribeirinhos.

A apresentação dos Bumbás acontece no bumbódromo, sempre no último final de semana do mês de junho, com duração de apresentação de duas horas e trinta

¹ Graduando do 8º período do curso de licenciatura em geografia-CESP/UEA – e-mail: boyiago_@hotmail.com

² Professora do curso de licenciatura em geografia-CESP/UEA – e-mail: tatiana_r_@yahoo.com

minutos para cada agremiação. Nos três dias de espetáculo Parintins recebe cerca de cinquenta mil turistas, e é nesse “palco” com influência da mídia que Parintins aparece como mostruário da cultura amazônica. É importante ressaltar que com o a popularização do Boi-Bumbá, Parintins recebe benefícios gerando nesse período, renda para a população o que estimula o setor do comércio e os trabalhos informais, como a venda de alimentos. Todavia, a concentração de capital gerada pelo festival folclórico, não se perpetua o ano todo.

Assim, alguns setores da economia de Parintins, ao término do festival, se encontram com uma redução na sua renda, o que leva muitos habitantes a procurar outros meios de estabilidade econômica, até mesmo fora de Parintins.

A análise justifica-se por ser a tentativa de entender os fluxos de redes temporários que os movimentos migratórios de artistas Parintinenses criam, a fim de verificar a frequência com que os artistas saem para outras regiões, bem como, se as relações que eles criam através dos serviços que os mesmos oferecem refletem nas manifestações culturais brasileiras.

Entretanto, os artistas realizam mais o deslocamento temporário do que a própria migração, pois não fixam moradia definitiva nas cidades designadas a trabalhar, por sua vez sempre retornam a Parintins onde possuem suas famílias.

Para a realização do trabalho utilizou-se os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de livros, artigos que contribuíssem teoricamente para a pesquisa.

Ao término do festival de Bumbás em Parintins cerca de trezentos (300) artistas migram temporariamente. Com uma amostra de trinta (30) artistas escolhidos aleatoriamente, foram aplicados questionários contendo perguntas abertas e fechadas, assim como a entrevista oral e aberta com os mesmos, tendo em vista as experiências de viagens a trabalho para outros lugares.

Com a pesquisa pode-se identificar as trajetórias que os artistas fazem durante determinados períodos do ano. Essa identificação se fez no intuito de mapear o fluxo das redes urbanas que são criadas pelos deslocamentos temporais. A elaboração dos gráficos possibilitou, com base nos questionários, evidenciar os fatores que ocasionam a saída dos artistas para outras cidades do Amazonas e do Brasil. Assim, com a coleta de dados se organizou o croquis, com a trajetória que os artistas realizam.

Por conseguinte, o objetivo é identificar e mapear o fluxo de migração temporal dos artistas Parintinenses, apontando os principais motivos que levam os mesmos a migrarem para outras localidades que possuem manifestações culturais, verificando o período temporal das migrações e entendendo como o trabalho destes artistas interfere na própria economia de Parintins-AM.

2 IDENTIDADE CULTURAL EOS ARTISTAS PARINTINENSES

Parintins apresenta importância cultural e econômica para o Amazonas. As manifestações culturais desta terra tornam-se atrações com respectivo potencial turístico para o município, pela organização da manifestação cultural que se destaca na cidade, visto que, ao longo de sua historicidade a sua ação cultural alcançou uma visibilidade nacional.

Nessa concepção, Santos (2008) discorre, que uma cultura construída tradicionalmente dentro de um lugar que conseqüentemente se difunde para outros, se identifica como cultura endógena e se coloca como aliada para a política dos pobres, uma vez que se consolidam e não dependem das políticas particulares. Aparentemente isso se torna uma fraqueza na cultura local, todavia, essa situação é uma forma que os excluídos obtêm para fortalecer a identidade e cultura do seu território.

Segundo Braga (2007), na análise sociocultural das pequenas cidades aparecem como patrimônio imaterial³, onde estão inseridos o conhecimento e modo do saber das culturas locais. Na contemporaneidade a cultura ganha novas formas e passa por transformações da cultura tradicional. Nesse caso a cultura se põe como patrimônio de múltiplos festejos de cultura popular, onde em seu espaço ocorrem as trocas e diálogo com outras culturas. Segundo Nogueira (2014), o que se fundamenta dentro da cultura popular é a circulação das criações artísticas difundidas a partir das experiências.

Tudo se difunde, música, encenações teatrais, indumentária. Assim, a cultura não está presa a nada, e nem é um bem que está preso em um só lugar ou a um só indivíduo, ela pertence a um lugar, porém, se torna aberta para todos. Diante disso, torna-se direta ou indiretamente símbolo de seu lugar, muitas tendem a desaparecer, ou

³Corresponde aos bens culturais, sociais e imateriais que se manifestam através das práticas e modos de vida expressos nas tradições, música, festas populares entre outros.

ser substituída por outros meios culturais, mesmo assim a simbologia e identidade cultural do lugar são produtos da cultura popular e são retentores da existência do ser humano e suas peculiaridades.

Quando se trata de Parintinenses, estes carregam consigo o talento para a arte. Neste município facilmente se encontra, mesmo que não seja um profissional, alguém que saiba pintar, esculpir, desenhar, entre outros talentos e ofícios. Muitos não possuem uma formação profissional sobre elementos artísticos, porém, conseguem retratar perfeitamente noções sobre arte.

Esses profissionais, pela confecção dos elementos culturais artísticos apresentados no bumbódromo, contribuem para o reconhecimento do festival de Parintins. São dotados de técnicas que aperfeiçoaram ao longo do tempo, através do conhecimento empírico, entre tentativas, erros e acertos, experimentos que vão de simples pinceladas até um complexo conjunto de elementos técnicos que fogem da compreensão de outros artistas.

Eles produzem paisagens em forma de esculturas, e com isso um dos atrativos da festa são as alegorias e seus inúmeros movimentos que se assemelham aos do corpo humano, animal ou qualquer outro elemento que faça parte do contexto amazônico.

Diante disso, alguns artistas são bastantes conhecidos devido à popularidade do festival folclórico de Parintins. Entre muitos se destacaram, Irmão Miguel de Pascalle (já falecido) e Jair Mendes, pioneiros das técnicas artísticas Parintinenses. E, por seguinte os que levaram adiante tais técnicas, como: Amarildo Teixeira, Ito Teixeira, Vandir Santos e outros.

Esses artistas foram alguns dos pioneiros das práticas artísticas que ganharam destaque em Parintins por desempenharem esta atividade nos galpões de alegorias dos bois Bumbás. Partindo desse pressuposto, Bellan (2011, p.5) destaca que, “os ídolos idealizados na figura dos artistas são os trabalhadores responsáveis pelo trabalho intelectual, prestigiados por sua importância para a elaboração do espetáculo de Garantido e Caprichoso”. Visto que a cidade está altamente ligada com a arte, a mesma possui escolas que favorecem a “formação” dos mais jovens ao mundo artístico.

A agremiação Boi Bumbá Caprichoso, possui a “Escolinha de artes Irmão Miguel de Pascalle”, e a agremiação Boi-Bumbá Garantido a “Universidade do Folclore Paulinho Faria”, onde as duas abrem vagas para oficinas artísticas para crianças e adolescentes, afim, de fazer com que essas crianças tenham um futuro promissor dentro das agremiações num contexto artístico e social.

Parintins também conta, mesmo que recentemente, com o curso de nível superior de “Licenciatura em Artes Plásticas”, agora chamado de “artes visuais”, oferecido pela Universidade Federal do Amazonas.

A experiência dos artistas e os conhecimentos empíricos foram importantes para o desenvolvimento das técnicas artísticas, e combinado com as práticas contemporâneas e inserção dos conhecimentos adquiridos a partir das instituições, escolas e universidade de artes contribuem com o fortalecimento da cultura Parintinense como um todo, tornando possível o trabalho dos seus artistas. Partindo desse entendimento, a arte Parintinense se torna significativa na formação do artista para trabalharem no festival folclórico ou em outras manifestações culturais, assim como seu crescimento profissional e pessoal.

Para o entendimento, Santos (2008, p.144) discorre que “gente junta cria cultura e, paralelamente cria uma economia territorializada, um discurso territorializado, uma política territorializada”. Com isso os aspectos culturais ganham identidade em vista de um grupo de pessoas de um lugar.

Sendo assim, a cultura de Parintins se destaca pela força e talento tanto dos grupos de artistas quanto de outros organismos culturais, em virtude de seus habitantes que incorporam o modo de viver cotidianamente, os saberes, tradições e costumes de caboclos, índios, negros e ribeirinhos. E o importante a destacar é que os aspectos culturais e tradicionais se inserem na vida e na arte, permitindo assim, a identidade do amazonense. A figura um (01) mostra o artista Parintinense trabalhando no movimento de alegorias.



FIGURA 01: Artista trabalhando na confecção de alegorias.
FONTE: Acervo pessoal

Segundo Belan (2011) indivíduos, que são caracterizados como os artistas de ponta⁴ são considerados como os idealizadores responsáveis por “criar” intelectualmente os espetáculos. Contudo, os trabalhadores (soldadores, escultores, pintores, aderecistas) responsáveis por concretizar o espetáculo são tratados como simples artesões. Em virtude disso, ocorre uma divisão do trabalho onde se percebe uma hierarquização nos valores monetários dos contratos dos artistas, onde se atribui preços para cada função.

Neste contexto, Bellan (2011, p.10) ressalta que “a sensibilização passa por um reconhecimento das dificuldades impostas pelo sistema capitalista àqueles que ousam tornar a criação artística como ofício/profissão e não se trata apenas das dificuldades ligadas à reprodução dos indivíduos na sociedade”.

Andreas (2002) diz que, em Parintins, os materiais encontrados na região, assim como os artificiais, são montados a uma estrutura de ferro e são moldadas as alegorias, em que suas aparições não duram muito na arena, porém se fazem necessárias para o andamento no festival folclórico e ao término das apresentações algumas são desmontadas para serem reaproveitadas no ano seguinte e outras simplesmente são mandadas para o lixo.

⁴Artistas de ponta: Corresponde aos artistas que coordenam uma equipe, onde há uma divisão do trabalho.

3 DA ECONOMIA: O TRABALHO COMO MERCADORIA

Em determinados períodos esses artistas se deslocam temporariamente para o trabalho fora de Parintins, alimentando o mercado cultural e artístico. Nesta perspectiva o homem se torna um “objeto” de trabalho, onde o trabalho artístico se transforma em mercadoria, ou seja, negócio, e seus meios de comércio são alcançados através de um sistema de exploração de bens e serviços culturais gerando uma indústria cultural.

Haver (2005) discorre que no modo de produção capitalista procuram-se criar novos espaços para a acumulação de capital, onde o dinheiro possui caráter desagregador e atrai as formas de organização e produção. Com isso o capitalismo adentra até mesmo na cultura para lucrar com esse atributo.

O mercado que se estabelece para atender as exigências das pessoas enquanto consumidoras, com as trocas de mercadorias, bens culturais, relações entre quem produz e quem consome. Contudo, a acumulação capitalista está diretamente intrincada na dinâmica das pessoas, uma vez que o acúmulo do capital cresce a medida da precisão pela força de trabalho.

Viana (2006) destaca que, a população excedente se constitui pela força de trabalho dos que não possuem vínculo de trabalho formalmente pelo Estado, o que Marx titula de superpopulação relativa. “Ela constitui um exército industrial de reserva disponível que pertence ao capital de maneira absoluta como se ele tivesse criado a própria custa” MAX, 1988 *apud* Viana, (2006, p.1015).

Esse exército industrial de reserva tem como finalidade garantir força de trabalho ao capitalismo durante todo um ciclo industrial. E com o acúmulo e a expansão do capital, conseqüentemente o proletariado é “forçado” a trabalhar mais e ganhar salários baixos. Para existir essa força de trabalho basta haver os desempregados. O uso dos mesmos para o trabalho cria uma fila de espera. Neste sentido, eles esperam pela a absolvição do mercado de trabalho.

Esses aspectos são decorrentes da existência de dois circuitos econômicos que, segundo Corrêa (1997), são decorrentes do mesmo conjunto de causas, onde os dois encontram-se ligados um ao outro. Ao que tudo indica os dois mantem relação de dependência onde se tem a presença da classe média que se utiliza do circuito inferior o que impede seu rompimento com o mesmo.

O circuito superior é formado por bancos, transporte, indústrias e comércio voltado para importação e exportação. Seu núcleo concentra as classes altas e médias

acentuadas no campo urbano e rural. Por outro lado, o circuito inferior é formado por atividades que possuem um curto alcance espacial de bens, produtos e serviços e atende as classes mais pobres.

Na lógica do capitalismo a arte também possui valor que vai ser explorado. A relação entre os homens em suas práticas fugazes distorcem a realidade, tornando-os mais “frágeis” e incessíveis ao ver e compreender as relações artísticas que se conformam. As habilidades, soldar, esculpir, pistolar (pintar), e decorar, não são, contudo funções que se confortam apenas em habilidades braçais, mas também no profissionalismo que torna cada vez mais superior o intelectual do artista.

No decorrer da pesquisa, evidenciou-se a apropriação do objeto de estudo, visto que, os artistas se encaixam em uma mão de obra que em determinado período se encontra ociosa. Na maioria dos casos, estes indivíduos se encontram marginalizados, pois, o Estado não se mostra de caráter representativo para esses, assim, não possuem benefícios que outros empregos possuem na forma legal.

Ao presenciar um espetáculo com elementos artísticos e culturais é possível observar a logomarca das empresas que patrocinam os eventos pelo direito da imagem da empresa. Partindo deste pressuposto, Nogueira (2014, p. 13) enfatiza que:

[...] estão amarrados a um sistema de dependência econômica relativa forjada pelo Estado, patrocinador e mediador de suas existências no mundo midiático ou no mundo do espetáculo. Essas condições não lhes retira o caráter de mercadoria mesmo que seus produtos (*shows*, CDs, DVDs) não circulem ampla e racionalmente no sistema de mercado.

Geralmente para os grandes eventos as doações chegam à casa dos milhões. O festival Parintinense, por exemplo, tem investimento significativo quanto a verbas destinadas aos Bois-Bumbás. Mesmo com o maciço investimento, seja do Estado ou de empresas como a Coca-Cola e outros patrocinadores do espetáculo, os agentes produtores e organizadores da festa se tornam esquecidos, exemplo disso é que passado o festival as contradições e os conflitos aparecem (ver imagem 02).

Se por um lado arrecadam-se milhões, por outro, os trabalhadores ficam a mercê dos dirigentes, tendo em vista que por vezes eles não recebem totalmente o pagamento pelos seus trabalhos.



FIGURA 02: Protesto por salários atrasados dos artistas em Parintins.
FONTE: A folha de Parintins

Por Parintins não oferecer emprego durante o ano todo, os artistas sentem-se “obrigados” a migrar e com isso, o deslocamento torna-se eminente. Em sua maioria quando viajam a trabalho, o fazem avulso, e não possuem garantias de quaisquer benefícios, dentre eles o direito de trabalhar com a carteira assinada.

Neste ramo não há garantias, os contratos dos artistas acontecem verbalmente. Assim, a garantia do contrato ser cumprido depende do empregador, de honrar o compromisso ou não.

E neste sentido, percebe-se que pela falta de trabalho em Parintins os artistas buscam outros lugares para conseguir renda, visto que, os empregos se concentram mais na capital, Manaus, onde os empregos estão mais disponíveis pela concentração das empresas, indústrias e comércio.

Todavia, se no interior do Amazonas os empregos encontram-se escassos, para os artistas, viajar em busca de trabalho para outros estados, se torna uma válvula de escape para que os mesmos não passem necessidades junto de suas famílias. O gráfico um (01) mostra o deslocamento dos artistas para os estados brasileiros, comprovando a falta de emprego principalmente para esse público no interior do Amazonas.

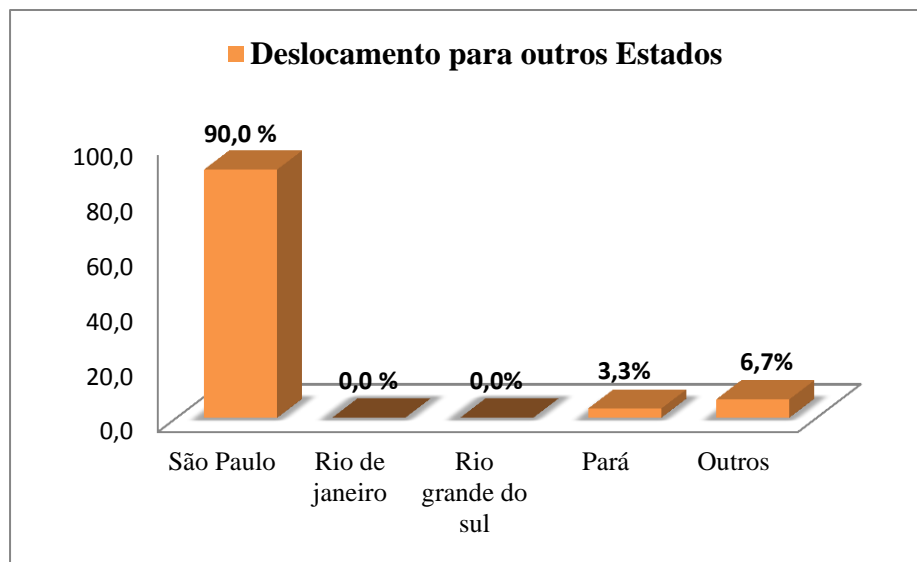


GRÁFICO 01: Deslocamento dos artistas para outros Estados
FONTE: Próprio autor, 2014.

Da falta de emprego, onde se busca o deslocamento para o trabalho, é que se pode fazer um apanhado sobre a exploração do trabalho pelo trabalho. Santos (2008) observa claramente o funcionamento das pequenas mazelas que comandam e se beneficiam com a desigualdade ente os indivíduos, assim os artistas se tornam apenas “peças” para que o capitalismo continue a progredir.

Santos (2008) continua a enfatizar sobre a perversidade que o próprio capitalismo impõe. Contextualizando com a realidade que os mesmos vivem, o capital “vê” nas técnicas que os mesmos praticam a disposição para se apropriar e lucrar com tais práticas.

Com a popularização do Boi Bumbá em Parintins e o trabalho de seus artistas, os carnavalescos procuraram os artistas Parintinenses e os levaram para trabalhar nas festas mais populares no sudeste do Brasil, onde nestas havia uma grande visibilidade nacional. E inserida nesse contexto, a figura do artista Parintinense e suas técnicas também deu contribuições para o embelezamento da festa, assim, a ação de se deslocar para este tipo de trabalho perdura até hoje.

Durante os doze meses do ano esses artistas cumprem uma espécie de agenda, trabalhando e alternando-se em diferentes cidades e em diferentes períodos. Tais movimentos também servem para que a imagem de Parintins e do trabalho dos artistas ganhem respaldo nacionalmente. Neste contexto, o gráfico (02) mostra o tempo que os artistas passam ausentes da cidade de Parintins, e com isso é possível concluir que muitos passam um longo período longe da cidade onde residem suas famílias.

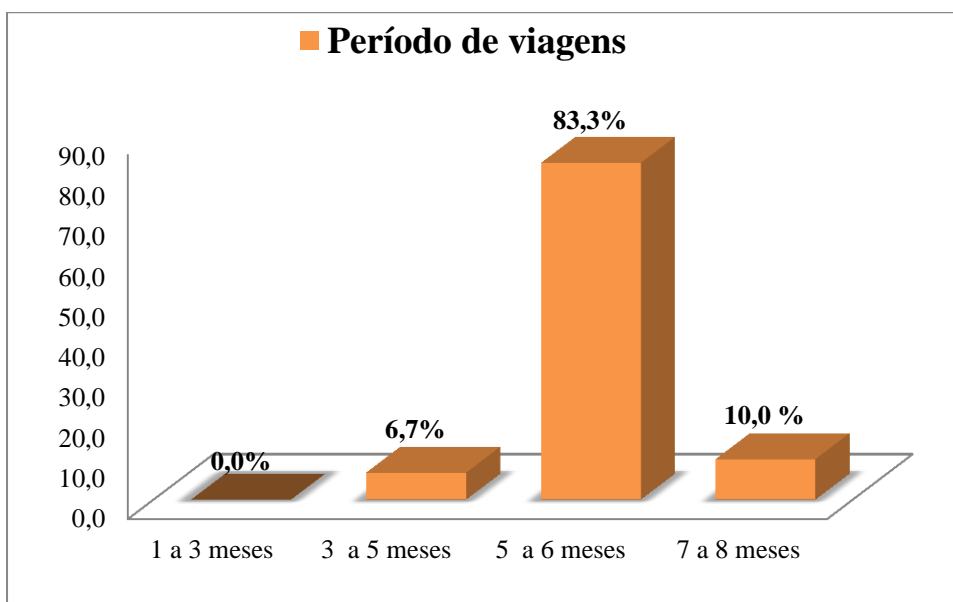


GRÁFICO 02: Período de viagens dos artistas.

FONTE: Próprio autor, 2014.

Não podemos deixar de lado a relação entre mercado e cultura. Nela prevalece as relações de conflitos de poderes e recursos, ou seja, a inserção do mercado cultural, em que a cultura vem a ser o órgão produtor de riquezas, que gera renda e ações tributárias.

Partindo dessa premissa, a cultura assume um caráter lucrativo nas formas contemporâneas. Ela não mais assume formas iniciais de cultura popular, ou seja, não está atribuída apenas pela satisfação da cultura tradicional, e passa a ocupar lugar no setor da economia.

Partindo desse pressuposto, Adorno (2002, p.10) menciona que “[...] a Indústria Cultural traz consigo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja o de portadora da ideologia dominante [...]”. A importação dos artistas é dinâmica, visto que tais movimentos configuram o mercado informal onde os trabalhadores são manipulados por ideologias dominantes.

Sabendo que o trabalho possui valor, como o trabalho desses artistas influencia na economia da cidade de Parintins? Cada artista possui seu valor monetário, ou seja, cada artista possui seu salário específico, onde há uma divisão do trabalho, e quem é mais experiente ou realiza uma função mais significativa, respectivamente possui o salário é maior.

Das categorias de artistas, escultores, soldadores, pintores e aderecistas, nelas se encontram uma hierarquia em que os designados primeiros de cada categoria vão ter os

valores salariais mais altos. Dos salários, a maior parte é designada para a família do artista, sendo que as mesmas não os acompanham nas viagens. O dinheiro destinado as familiares influencia diretamente na economia de Parintins, principalmente para aquecer o setor do comércio e pagamento de impostos, onde o dinheiro é mais usado para a manutenção e bem-estar dos familiares. O gráfico (03) mostra a renda mensal dos artistas quando ausentes de Parintins.

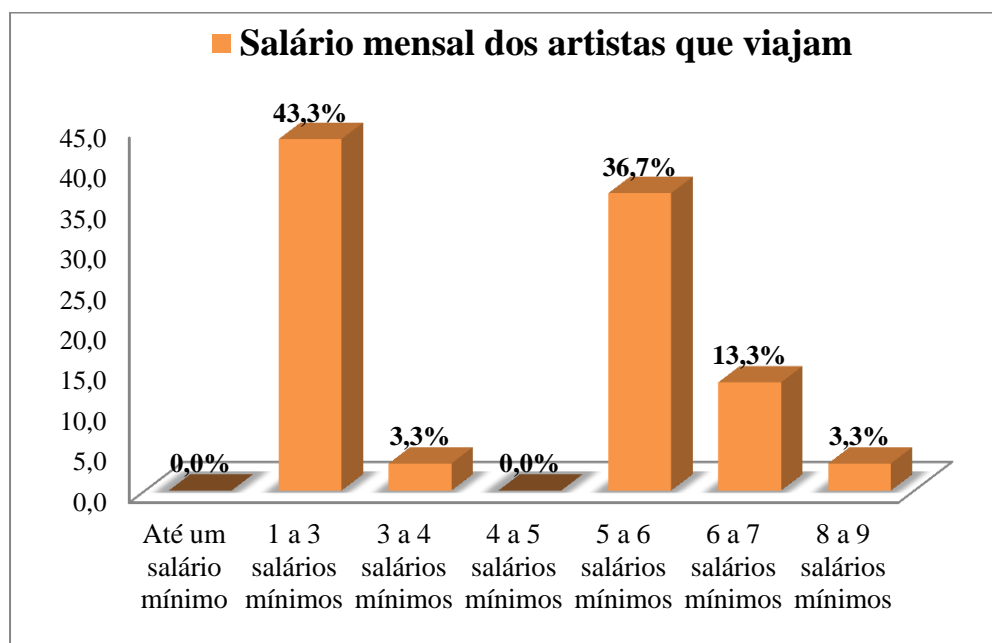


GRÁFICO 03: Salário mensal dos artistas que viajam a trabalho.

FONTE: Próprio autor, 2014.

Dos salários percebe-se que 43,3% dos artistas ganham de (01) um a (03) três salários mínimos, enquanto, outros ganham acima de (05) cinco salários mínimos mensais. A divisão do trabalho é responsável com que haja essa expressiva diferença de salários, uma vez que, os mais jovens, que estão começando na atividade, possuem o valor menor e os que já exercem a atividade há mais tempo possuem remuneração mais elevada.

Ao que tudo indica as viagens estão diretamente atreladas à falta de emprego no Amazonas. A partir dos dados os artistas aparentam gostar de viajar, contudo, o objetivo principal pelo que se viaja está relacionado à busca por melhores valores salariais. Verificou-se que 76,7%, a maioria dos artistas, se deslocam por questões financeiras (gráfico 04).

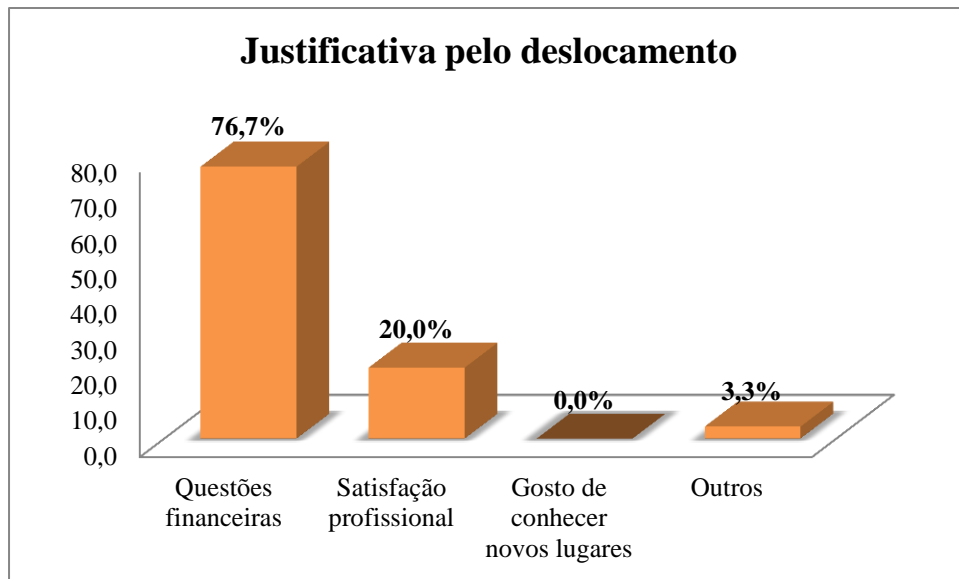


GRÁFICO 04: Motivos pelo deslocamento dos artistas.
FONTE: Próprio autor, 2014.

Muitos deles alegam que viajam porque ao término do festival de Parintins ficam sem trabalho como diz o artista R. S. (28 anos), *“não vou ficar aqui fazendo nada, prefiro ir pra longe passar meio mal e ganhar bem, do que ficar aqui e não ganhar nada”* (sic). Sobretudo, a maioria dos artistas não possui outro modo de adquirir renda. Contudo, as condições a que são expostos são muitas, e vão desde o lugar onde se instalam até a violência, como, roubos, assaltos entre outros aspectos do lugar. Como exemplo, podemos citar as escolas de samba de São Paulo.

Em entrevistas muitos artistas contam que algumas escolas são dominadas e diretamente patrocinadas por traficantes em que algumas ocasiões passaram por situações difíceis e até mesmo ameaças por problemas gerados nas escolas. O que em muitos casos resultou na volta do artista para sua cidade para evitar tragédias. Partindo deste pressuposto, mesmo com as contradições geradas dentro do trabalho, os artistas dizem gostar de viajar a trabalho (gráfico 05).

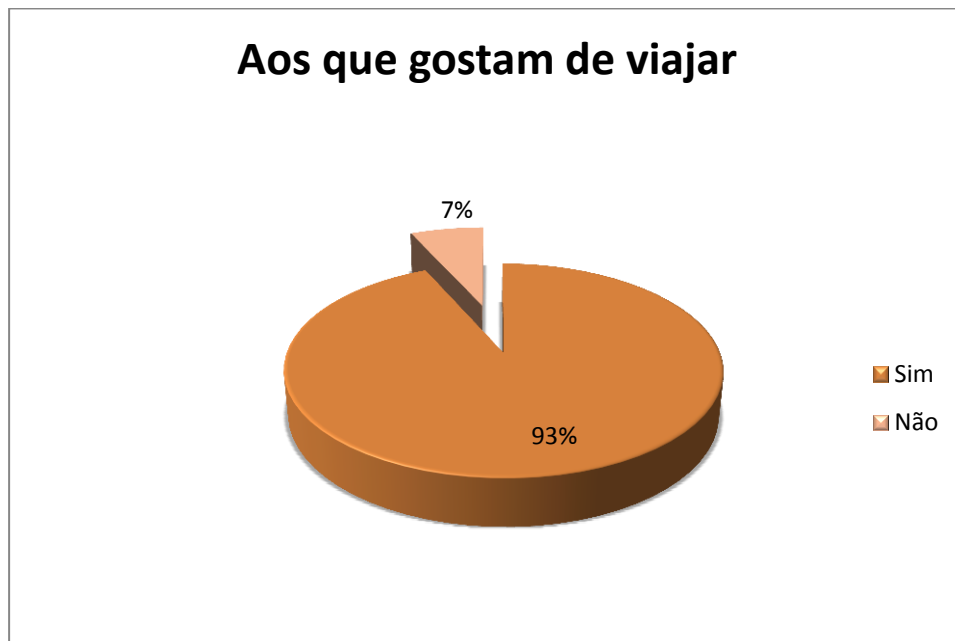


GRÁFICO 05: Corresponde aos artistas que gostam de viajar a trabalho.
FONTE: Próprio autor, 2014.

As estruturas de trabalho não atendem as necessidades da estadia aos mesmos no serviço. Muitos empregadores não oferecem boas estruturas quanto à moradia, alimentação e saneamento básico a os empregados. O gráfico (06) mostra a satisfação dos artistas quanto às estruturas que são oferecidas.

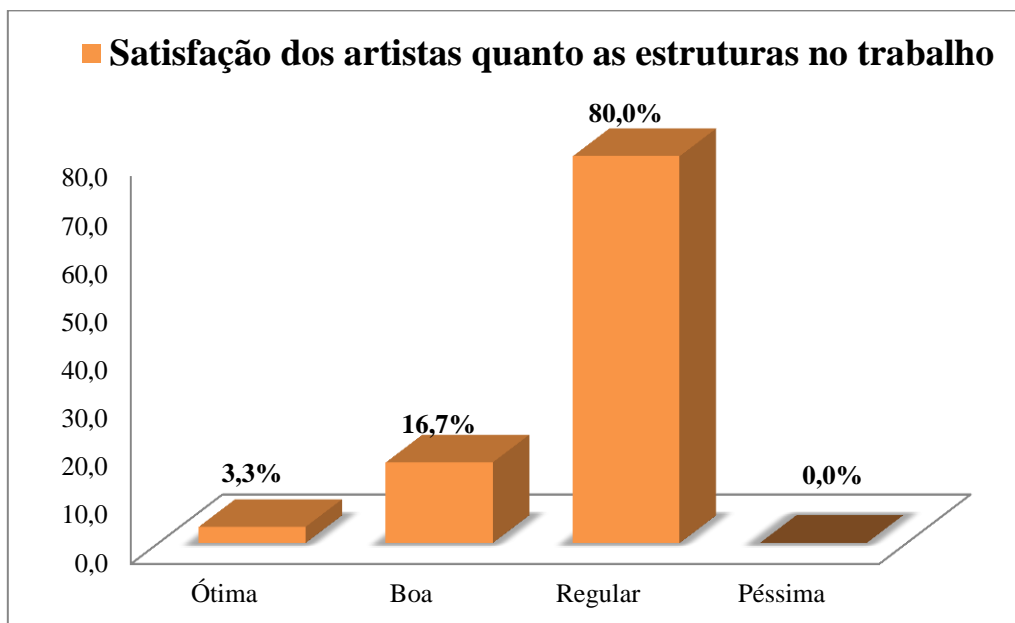


GRÁFICO 06: Satisfação dos artistas quanto estrutura de alimentação, moradia e saneamento básico.
FONTE: Próprio autor, 2014.

A realidade condiz com os dados, em 2012 um artista foi a óbito vítima de meningite viral. Ao que consta, ele adquiriu a doença no período que trabalhava em uma escola de samba de São Paulo e ao retorno a Parintins não resistiu à doença. Esse é um dos inúmeros problemas e condições que os artistas enfrentam com o deslocamento.

Muitos artistas concordam em dizer que preferem se “sacrificar” por suas famílias. Contudo, em entrevistas a maioria põe algumas questões que classificam como as mais difíceis para se viajar: a primeira a saudade que sentem de suas famílias, e a segunda a mudança de clima a qual não estão habituados, em que em muitos dias por causa do frio não tendem a trabalhar. E mesmo com todas as dificuldades todos falam de suas situações sempre com bom humor, fazendo piadas das condições que já enfrentaram. O gráfico (07) mostra que muitos artistas, mesmo que tivessem outro meio de adquirir renda, não deixariam de viajar para exercer a função que adotaram como profissão.

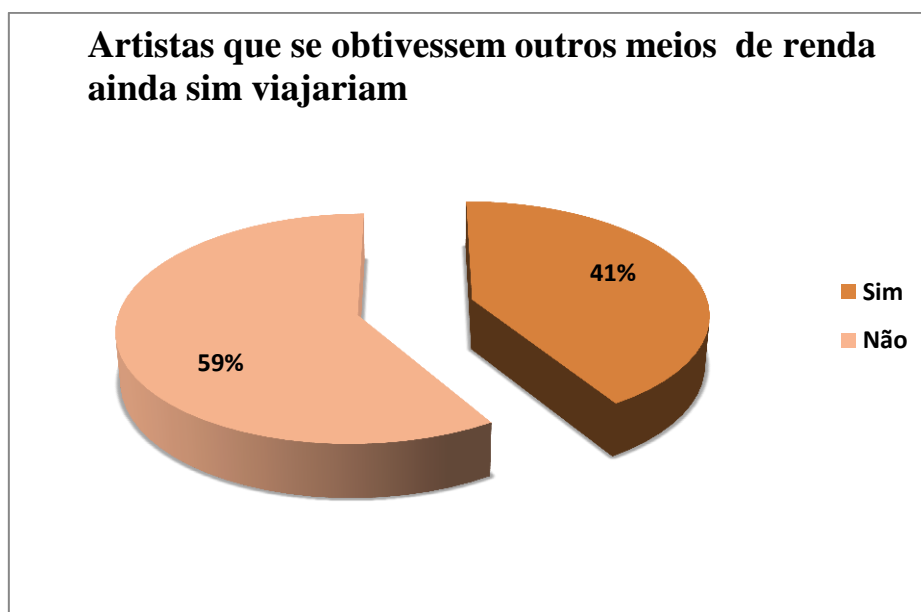


GRÁFICO 07: Corresponde ao índice de artistas que se obtivessem outros meios de adquirir renda ainda viajariam.

FONTE: Próprio autor, 2014.

Vale destacar que os quem tivessem como obter outro meio de vida, ainda sim escolheriam viajar. Nesse público, se encaixam os mais jovens que se encontram em um estágio de desenvolvimento da função e estão em busca de respaldo profissional. E quando a cidade de origem não oferece um atrativo ou meio de desenvolvimento de carreira para estes jovens, logo procuram caminhos para seu crescimento profissional, assim, se torna mais fácil para os jovens, pois na maioria das vezes são solteiros, sem

filhos e não possuem um vínculo para se fixarem em Parintins. Aos que responderam sim, pode-se observar que são os de mais idade e encontraram-se ao oposto dos mais jovens, com isso para estes o deslocamento torna-se bem mais difícil.

3 RELAÇÕES, FLUXOS E FIXOS: A REDE DE TRABALHO PRODUZIDA PELOS ARTISTAS PARINTINENSES

Considerando que há saída dos artistas para outras manifestações culturais para fora de Parintins, há criação de um fluxo migração de redes, pois a técnica que os artistas possuem assume um positivo para Parintins.

Quanto à migração não podemos defini-la como o simples fato do deslocamento físico. Ela se torna muito mais complexa, podendo incorporar os vínculos econômicos e sociais entre os grupos migrantes. Contudo, a identidade dos migrantes se torna responsável pela força do grupo em manter a composição de seus territórios e valores fora do seu lugar de origem. Assim, o migrante encontra na fluidez das redes uma forma de se reterritorializar se adaptando aos fluxos das mesmas.

As redes têm sido trabalhadas a medida dos interesses a serem alcançados. Neste sentido, as redes se configuram como um conjunto de “linhas” que interligam os lugares, em virtude do avanço do capital do crescimento social, assim como dos bens, informações e pessoas.

A partir das redes encontramos dinâmica nos padrões espaciais. Assim com as relações do “vai e vem” se destacam as dinâmicas das redes. São criados os fluxos, principalmente a partir da revolução industrial, onde o avanço do capitalismo deu êxito para suas criações. Assim, encontram-se calcados principalmente na formação de novos centros urbanos, no comércio e no transporte. Partindo deste princípio, se faz necessária dentro desta mesma configuração, a criação dos fixos, de onde as transições sejam realizadas. Assim tais transições dão fluidez à mercadoria ao capital às informações e às pessoas entre outros.

Contextualizando, durante os doze meses do ano esses artistas cumprem uma espécie de agenda trabalhando, alternando em diferentes cidades e em diferentes períodos. Tais movimentos também servem para que a imagem de Parintins e do trabalho dos artistas ganhe respaldo nacionalmente. A esse respeito, menciona-se haver:

[...] inúmeros exemplos de pequenas cidades que se especializaram produtivamente, reinserindo-se de modo singular na rede urbana globalizada

por intermédio de atividades que lhes fornecem identidade funcional, afirmando, em outra escala, o seu caráter de lugar (CORRÊA, 2006, p. 268).

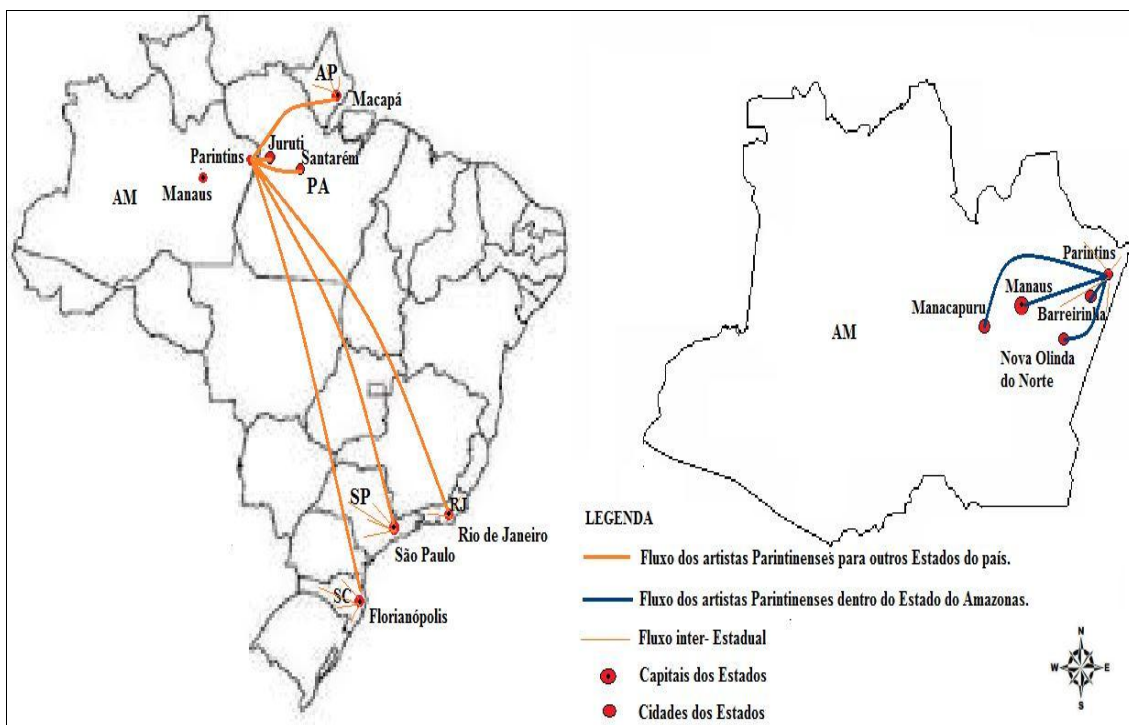
No caso de Parintins, esta cidade torna-se um pólo exportador de mão de obra cultural, a partir do movimento dos artistas que gera uma rede urbana articulada por intermédios da mão de obra dos Parintinenses. As atividades que tais artistas exercem, traduz a autenticidade da técnica, que é fruto do desenvolvimento da função que os mesmos criaram e que dá a Parintins um caráter único por essa atividade.

As redes criadas também possuem caráter de relações pessoais que os artistas vivem. Muitos incorporam as maneiras e aculturam-se em outros lugares do Brasil. Assim como levar os costumes de Parintins para outros lugares, também é importante o intercâmbio de informações de culturas diferentes. Esse fluxo fortalece as boas relações com outros Estados e há relatos de Parintinenses que através das viagens adotaram outros lugares para se viver.

Partindo deste ponto, Nogueira (2014) discorre que pelo processo histórico a arte não perde suas relações com seus lugares tradicionais, mas que acontece uma dinâmica que enriquece ainda mais a cultura ao manter o dialogo com outras formas artísticas ou culturais. Nessa função, os artistas atendem a varias manifestações culturais no amazonas e outros Estados.

Quanto aos fluxos criados pelos artistas, estes possuem um caráter simbólico e cultural que adentram em outras manifestações. As relações que os artistas criam com outros indivíduos para onde se deslocam ultrapassam as simples afinidades que os mesmos possuem, contento em si uma prática bastante articulada, seja nos aspectos sócio culturais, econômicos e espaciais, (croquis 01).

Fluxo do deslocamento temporário dos artistas Parintinenses para dentro e fora do Amazonas



CROQUIS 01: Fluxos migratórios dos artistas de Parintins.
ORG: Lopes, 2014.

O croquis mostra o fluxo migratório temporário dos artistas da cidade de Parintins para outros Estados do Brasil, bem como a existência da migração pendular face a proximidade entre cidades que também possuem manifestações culturais. Segundo alguns artistas, o deslocamento para as cidades do interior na região sudeste torna-se vantajoso. Nelas, os trabalhos se encontram em pequena proporção e os valores monetários dos mesmos são melhores. Neste sentido, os artistas, em muitos casos, conciliam o trabalho principal com os rápidos deslocamentos para as pequenas cidades.

O deslocamento dentro do Amazonas também se põe de maneira significativa. Diferente do deslocamento para a parte sudeste do país, onde acontecem os deslocamentos pendulares para cidades próximas, no Amazonas se torna difícil, ou inexistente, pois os acessos de uma cidade para outra em maioria se faz através dos rios. Assim, quando viajam no próprio Estado se fixam na cidade destinada a trabalhar, concentrando o trabalho naquela localidade. Enquanto no sudeste/sul, eles se descentralizam para as cidades do entorno do seu trabalho principal, em virtude da facilidade dos acessos pelas ruas e estradas que ligam uma a outra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das questões propostas e da análise dos resultados pode-se concluir que os artistas, em sua maioria, migram porque precisam, pois seu lugar de origem não atende suas necessidades quanto ao mercado de trabalho. Na pesquisa evidenciou-se que ao se deslocarem para o trabalho estão expostos a muitos riscos: eles não possuem benefícios trabalhistas, que para o capitalismo são visados como uma mão de obra a postos em qualquer momento para este modo de produção. Tal análise indica que este público está inserido no circuito inferior da economia. Percebe-se também que Parintins como pólo exportador de artistas para outros lugares do Brasil possui diversas contradições que forçam a procura de trabalho. A mesma não obtém meios para segurar os artistas na cidade, e as agremiações que ali se encontram constantemente passam por crises internas, o que afeta diretamente os seus funcionários. Os que conseguem se sustentar fora do período em que ocorre o festival tem a opção de ficar na cidade, porém, os que não possuem, tendem a procurar outras oportunidades.

Fora de Parintins, essas pessoas se submetem em muitos casos a situações que vão de más condições de moradia, alimentação e estruturas oferecidas dentro do trabalho até conflitos sociais gerados no lugar de tarefas, como a violência. Ao analisar os dados verificou-se que muitos artistas passam mais tempo viajando a trabalho e passam por um longo período longe de suas famílias, o que gera uma ausência no espaço familiar, pois não há tanta participação dessas pessoas, por exemplo, no acompanhamento do crescimento dos filhos.

Esta ação de migrar possui um valor real para a cidade de Parintins que cada vez mais se torna conhecida e absorve os benefícios que as migrações criam como o lado econômico que é destinado às famílias e conseqüentemente para Parintins, uma parcela do reconhecimento da cidade se dá por parte da ação destes artistas e seus trabalhos. Esses movimentos fortalecem o elo entre os meios culturais, pois são compartilhados e incorporados a medida das migrações.

Mais do que trabalhar com arte, os artistas trabalham com vidas, carnaval, boi Bumbá ou qualquer outra festa, exige dos artistas a perfeição. Nesses espetáculos não existe ensaios para garantir que não haja nenhum erro, sem dúvida se torna uma

responsabilidade imensa, fazer com que no dia da apresentação os brincantes participem sem que nenhum se machuque.

REFERÊNCIAS

ADORNO, W. Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDREAS, Valentin. **Parintins**: brincando com arte. Somanlu, v. 2, número especial, 2002.

AZEVEDO, Luiza Elayne Corrêa. **“Boi Bumbá de Parintins”**: Cenários na Pós-Modernidade e sua Inserção no Marketing Cultural. – João Pessoa, 2000.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de pesquisa**: propostas metodológicas / Aidil de Jesus Paes de Barros, Neide Aparecida de Souza Lehfeld.- Petrópolis RJ: vozes 1990.

BELLAN, Carnevskis Claudia. **O ensino de arte para além do boi-bumbá**: desmistificando a função da arte no município de Parintins – AM. Disponível em:<http://www.5ebem.ufsc.br/trabalhos/eixo_08/e08a_t007.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2014.

BRAGA, Gil Sérgio Ivan. **Festas Religiosas e Populares da Amazônia**: Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades. Outubro, 2007.

BUENO, Siqueira Marielys. **Lazer, festa e festejar**: Cultur- Revista de Cultura e Turismo. Cultur, ano 02 - n.02 – Jul/2008.

CORRÊA, Roberto Lobato, 1939- **Estudos sobre a rede urbana**. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajatórias Geográficas**. - Rio De Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.

HARVEY, David. **A Produção Capitalista Do Espaço**.- São Paulo: Anna Blume, 2005.

MORAES, Oliveira de, Elias . Revista Geonorte, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.798-812, 2013. (ISSN – 2237-1419).

NOGUEIRA, Wilson. **Boi-bumbá- Imaginário e espetáculo na Amazônia**.- Manaus: Editora Valer, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: Do Pensamento único a consciência universal. 16. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

VIANA, Nildo. **Fragments de cultura**. Goiânia. v.16, n. 11/12,p 1009-1023. Nov./dez.2006.